

***PERFIL DA AUTOMEDICAÇÃO ENTRE
ACADÊMICOS DE MEDICINA E
ENFERMAGEM DE UMA UNIVERSIDADE
PÚBLICA NO ALTO SERTÃO PARAIBANO***

Isabela Alice Soares de Medeiros

Acadêmica de Medicina
Universidade Federal de Campina Grande
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9090913085422253>
Orcid: 0000-0001-6947-0375
E-mail: isabelaalicesm@gmail.com

José Rodrigues dos Santos Neto

Acadêmico de Medicina
Universidade Federal de Campina Grande
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0617745124649837>
Orcid: 0000-0002-2699-9540
E-mail: rodrigues.neto@estudante.ufcg.edu.br

Jásny Pintor de Assis Correia

Acadêmica de Medicina
Universidade Federal de Campina Grande
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6464855043376966>
Orcid: 0000-0003-1420-3565
E-mail: jasnypintor10@gmail.com

Vitória Freire Lima

Acadêmica de Medicina
Universidade Federal de Campina Grande
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9819839189559848>
Orcid: 0000-0001-6178-9832
E-mail: vitoriaflima4@gmail.com

Natália Bitú Pinto

Doutora em Farmacologia
Universidade Federal de Campina Grande
CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6485550213462489>
Orcid: 0000-0002-9996-3303
E-mail: nataliabitú@gmail.com

Artigo Original

Recebido em: 17 de Março de 2023

Aceito em: 31 de Outubro de 2023

RESUMO

Introdução: A automedicação, caracterizada como de importância nas discussões presentes na cultura médico-farmacêutica, decorre da iniciativa do indivíduo doente ou de seus responsáveis em administrar um medicamento, sem avaliação de um profissional de saúde habilitado. **Objetivo:** Avaliar o perfil da automedicação entre os estudantes dos cursos de Medicina e Enfermagem da Universidade Federal de Campina Grande, campus de Cajazeiras (UFCG-CZ). **Método:** Foi aplicado um questionário eletrônico de múltipla escolha, composto por duas etapas, em conformidade com a ética em pesquisa. Os dados foram organizados e analisados com o auxílio do *software* IBM SPSS *Statistics* versão 20.0 **Resultados:** Foram coletados 178 respostas onde a maioria dos participantes era do sexo feminino, com média de idade igual a 22,48 anos, solteiro (a), que resultaram na constatação que a prática da automedicação é bastante comum entre os acadêmicos da área da saúde estudados, apesar da sua consciência de riscos sobre a prática. Também, foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os estudantes de Medicina e Enfermagem para algumas variáveis analisadas. **Conclusão:** Nesse contexto, o acesso aos medicamentos e conhecimento por parte dos alunos se configura como oportunidade para a prática da automedicação, além de ser fator estimulante para o alargamento do processo.

Palavras-chave: Automedicação. Estudantes de Medicina. Estudantes de Enfermagem.

PORTRAYL OF SELF-MEDICATION AMONG MEDICAL AND NURSING STUDENTS FROM A PUBLIC UNIVERSITY IN THE UPPER BACKLANDS OF PARAÍBA STATE

Introduction: Self-medication, characterized as important in the medical-pharmaceutical discussions, results from the initiative of sick individuals or their guardians in administering a medication without any previous evaluation by a qualified health professional. **Objective:** The research aimed to assess the profile of self-medicated students of Medicine and Nursing courses at the Federal University of Campina Grande, campus of Cajazeiras (UFCG-CZ). **Method:** The research was carried out through an electronic multiple-choice questionnaire, consisting of two steps, in accordance with research ethics. The data were organized and analyzed using the IBM SPSS Statistics version 20.0 software. **Result:** A total of 178 responses were collected in which most participants were female, with an average age of 22.48 years old, single, which resulted in the finding that the practice of self-medication is quite common among academics in the health area studied, despite their awareness of the risks of that practice. Also, statistically significant differences were found between Medicine and Nursing students for some analyzed variables. **Conclusion:** In this context, students' access to medications and knowledge is an opportunity for the practice of self-medication, in addition to being a stimulating factor for the expansion of this process.

Keywords: Self Medication. Students, Medical. Students, Nursing.

INTRODUÇÃO

Os medicamentos, apesar de apresentarem-se fundamentais para a promoção e manutenção da saúde, podem oferecer um amplo número de riscos, caso não sejam usados de maneira correta (Portela *et al.*, 2010). De acordo com dados do Instituto de Ciência, Tecnologia e Qualidade (ICTQ), em 2018, no Brasil, 79% das pessoas maiores de 16 anos admitiram se automedicar (ICTQ, 2010). Somado a isso, um estudo realizado em 2016, aponta a prevalência da automedicação entre os moradores da região Nordeste do país (Arrais *et al.*, 1997). Tal conduta representa um risco à saúde pública, pois o uso inadequado até de medicamentos considerados “inofensivos”, pode gerar reações adversas, vide o uso indiscriminado de analgésicos que pode resultar em “resistência bacteriana, reações de hipersensibilidade, dependência, sangramento digestivo, sintomas de retirada e, ainda, aumentar o risco para determinadas neoplasias”, segundo Vitor *et al.* (2008). Assim, a prática da automedicação, pode ter como consequência efeitos nocivos à saúde, como resistência bacteriana, reações adversas, dependência e mascaramento de doenças evolutivas.

Ademais, comparando números fornecidos pelo Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (SINITOX) dos anos 1999 e 2017, pode-se perceber que os óbitos causados por intoxicação medicamentosa aumentaram de 11,82% para 25%. Ainda, os medicamentos ocupam o primeiro lugar entre os agentes causadores de intoxicações em seres humanos e o segundo lugar nos registros de mortes por intoxicação (Cury, 2006).

Nesse contexto, cerca de 80 milhões de pessoas são adeptas da automedicação no país, segundo a Associação Brasileira das Indústrias Farmacêuticas (ABIFARMA) (Pereira, 1996). Verifica-se a mudança no perfil do consumidor brasileiro, anteriormente, relacionado ao baixo nível socioeconômico; atualmente, com aumento do consumo de medicamentos por indivíduos de maiores níveis de escolaridade e poder aquisitivo (Musial; Dutra; Becker, 2007).

Este fenômeno, caracterizado como de importância nas discussões presentes na cultura médico-farmacêutica, decorre da iniciativa do indivíduo doente ou de seus responsáveis em obter ou produzir e utilizar, sem avaliação de um profissional de saúde habilitado, um medicamento para o tratamento de doenças ou alívio de sintomas (Paulo; Zanini, 1988). Várias são as maneiras de a automedicação ser praticada, dentre elas estão:

adquirir o medicamento sem receita, compartilhar medicamentos dentro de um círculo social, descumprir prescrições médicas em tempo ou quantidade; que são associadas a fatores econômicos, políticos e culturais, tornando-a um problema de saúde pública (Loyola *et al.*, 2002).

Os medicamentos constituem-se como produtos englobados pela dinâmica da sociedade de consumo. Dessa maneira, por estarem submetidos a tensões, interesses e competição do setor do mercado, houve o afastamento da finalidade principal, ou seja, de atuar na prevenção, diagnóstico e tratamento das enfermidades. Somado a isso, o medicamento se insere como símbolo da chamada “saúde imediata”, tendo seu uso associado à solução do problema, inserido num contexto de expectativas de alívio rápido, fazendo com que a enfermidade seja reduzida a um fenômeno orgânico que pode ser enfrentado com uma mercadoria e a disponibilidade sem barreiras de tal produto realiza suas expectativas (Arrais *et al.*, 1997; Lefèvre, 1987; Aquino; Barros; Silva, 2010).

Tal prática está correlacionada com o grau de instrução dos usuários, assim como a acessibilidade dos mesmos aos medicamentos (Tomasi *et al.*, 2007) Ao contrário do senso comum, a automedicação não está restrita aos leigos, mas também é bastante difundida entre profissionais de saúde, como enfermeiros e médicos, por estar envolvido rotineiramente em ambiente hospitalar, têm mais confiança ao administrar drogas (Vilarino *et al.*, 1998).

Os estudos que envolvem a automedicação em acadêmicos da área da saúde possuem expectativa que estes tenham atitudes racionais quanto a prática diária da medicação. No entanto, a literatura demonstra fracasso por fazerem o uso inadequado dos fármacos (Do Amaral Tognoli *et al.*, 2019). No estudo realizado por Arrais *et al.* (1997), os resultados expressaram a importância da abordagem ao tema de automedicação pela comunidade científica, apoiando a hipótese da crença social no poder dos medicamentos, de forma que esta influencia o aumento da demanda por produtos farmacêuticos para qualquer tipo de transtorno, mesmo em face de sua autolimitação e casualidade.

Justifica-se, portanto, a investigação sobre a automedicação entre os estudantes de medicina e enfermagem na Universidade Federal de Campina Grande, campus Cajazeiras, com ênfase nas motivações que levam o indivíduo a automedicar-se, bem como a avaliação da relação com a prática dos cursos de saúde.

DESENVOLVIMENTO

A caracterização do presente estudo é epidemiológico, descritivo e transversal sendo realizado na Universidade Federal de Campina Grande no campus da cidade de Cajazeiras-PB, no período compreendido entre março de 2021 a junho de 2021.

A amostra não probabilística é composta 171 alunos do curso de Medicina e 225 do curso de Enfermagem, totalizando uma amostra de 396. Como critério de inclusão para amostra foi estabelecido que seria composta por alunos dos cursos de Medicina e Enfermagem que estivessem regularmente matriculados no período vigente (2020.1) na Universidade Federal de Campina Grande, campus de Cajazeiras. Já o critério de exclusão, adotou-se não prosseguir com o consentimento e resolução do formulário-pesquisa.

O instrumento de coleta foi um formulário eletrônico com questões de múltipla escolha enviado através do e-mail e/ou número telefônico para os alunos que compõe a amostra, que aceitaram participar da pesquisa e prosseguir com o formulário após leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, seguindo as instruções do OFÍCIO CIRCULAR Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS que determina sobre as orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual (Brasil, 2021).

A planilha de contatos dos alunos regularmente matriculados no período vigente dos cursos em questão na Universidade Federal de Campina Grande foi solicitada formalmente através dos e-mails das coordenações de Medicina e Enfermagem da Unidade Acadêmica das Ciências da Vida (UACV) e recebida no mês de Fevereiro de 2021, por meio do envio do Parecer de Comitê de Ética da pesquisa em questão.

O instrumento de pesquisa iniciou-se com a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), antes da resolução das perguntas, para anuência do voluntário, ficando claro ao participante da pesquisa, que o consentimento foi previamente apresentado e, caso, concorde em participar, será considerado anuência quando responder ao formulário, seguindo as orientações para procedimentos em pesquisa em ambiente virtual (Brasil, 2021). Após ter dado seu consentimento, o participante teve acesso às perguntas: a primeira seção “Identificação Geral” com perguntas sociodemográficas e pessoais e a segunda seção “Avaliação da Automedicação” com 20 perguntas sobre a prática de automedicação.

Inicialmente, realizou-se a análise estatística descritiva objetivando caracterizar a amostra. Foram calculadas as frequências absolutas e relativas para as variáveis categóricas, bem como as medidas de tendência central e de variabilidade para as variáveis quantitativas. Em seguida, as análises de associação entre variáveis categóricas foram feitas utilizando o teste qui-quadrado de Pearson ou do teste exato de Fisher (quando apropriado). O nível de significância foi fixado em $p < 0,05$. Todas as análises foram conduzidas com o auxílio do *software* IBM SPSS Statistics versão 20.0, considerando um intervalo de confiança de 95%.

A pesquisa teve seu parecer liberado pelo Comitê de Ética e Pesquisa sob CAAE 40290020.0.0000.5575. Todos procedimentos e coleta de informação estão baseados na resolução nº 466/2012 aprovada pelo Conselho Nacional de Saúde e no OFÍCIO CIRCULAR Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS.

De acordo com a Tabela 1, a maioria dos participantes era do sexo feminino ($n = 112$; 62,9%), média de idade igual a 22,48 anos ($DP = 4,5$), solteiro (a) ($n = 163$; 91,6%), renda familiar de até 2 salários-mínimos ($n = 83$; 46,6%), não possuía plano de saúde privado ($n = 138$; 77,5%) e estava no 1º período do curso ($n = 52$; 29,2%). Metade cursava Medicina ($n = 89$; 50,0%).

Tabela 1. Distribuição dos participantes de acordo com as características sociodemográficas e econômicas.

Variáveis	n	%
Sexo		
Feminino	112	62,9
Masculino	66	37,1
Idade		
Média: 22,48		
Desvio-padrão: 4,5		
Estado civil		
Casado (a)	10	5,6
Namorando	4	2,2
Solteiro (a)	163	91,6
União estável	1	0,6
Renda familiar		
Acima de 20 SM	3	1,7
Até 2 SM	83	46,6
Entre 10 e 20 SM	11	6,2
Entre 2 a 4 SM	42	23,6
Entre 4 e 10 SM	39	21,9
Possui plano de saúde privado?		
Não	138	77,5
Sim	40	22,5

Curso		
Enfermagem	89	50,0
Medicina	89	50,0
Período		
1º	52	29,2
2º	27	15,2
3º	14	7,9
4º	14	7,9
5º	18	10,1
6º	20	11,2
7º	15	8,4
8º	6	3,4
10º	10	5,6
11º	2	1,1
Total	178	100,0

Fonte: Elaboração própria.

Conforme descrito na Tabela 2, em geral, a maior parte estava familiarizado com o conceito de "automedicação" e conhece seus riscos (n = 174; 97,8%), já se aconselhou com terceiros sobre medicações (n = 158; 88,8%), não se baseou em receitas antigas (n = 70; 39,3%), não adquiriu medicamentos controlados, sem apresentação da prescrição conforme normativa legal (n = 148; 83,1%), porém, já indicou algum medicamento à colegas e/ou familiares (n = 134; 75,3%) e familiares e/ou colegas já pediram indicação de alguma terapêutica devido ao curso que exerce (n = 117; 65,7%).

Tabela 2. Distribuição dos participantes de acordo com as características relacionadas à automedicação.

Variáveis	n	%
Está familiarizado com o conceito de "automedicação" e conhece seus riscos?		
Não	4	2,2
Sim	174	97,8
Já praticou a "automedicação"?		
Não	3	1,7
Sim	175	98,3
Já aconselhou-se com terceiros sobre medicações?		
Não	20	11,2
Sim	158	88,8
Já baseou-se em receitas antigas?		
Não	70	39,3
Sim, de terceiros	24	13,5
Sim, minhas	62	34,8
Sim, minhas e de terceiros	22	12,4
Já adquiriu medicamentos controlados, sem apresentação da prescrição conforme normativa legal?		
Não	148	83,1
Sim	30	16,9

Já indicou algum medicamento à colegas e/ou familiares?		
Não	44	24,7
Sim	134	75,3
Familiares e/ou colegas já pediram indicação de alguma terapêutica devido ao curso que exerce?		
Sem resposta	2	1,1
Não	59	33,1
Sim	117	65,7
Já recebeu conselhos, acerca de medicações, não solicitados (na farmácia)?		
Sem resposta	1	0,6
Não	56	31,5
Sim	121	68,0
Para renovar receitas, você foi ao médico que a passou ou procurou algum professor ou médico da universidade?		
Não precisei renovar nenhuma receita	79	44,4
Procurei alguém da universidade	5	2,8
Voltei ao médico	94	52,8
Você costuma ler a bula dos medicamentos que consome?		
Às vezes	74	41,6
Não	9	5,1
Sim	95	53,4
Quando foi sua última consulta médica?		
01 semana atrás	10	5,6
Entre 01 semana e 01 mês atrás	43	24,2
Entre 01 e 03 meses atrás	40	22,5
Mais de 03 meses atrás	85	47,8
Quantas vezes você consultou um médico nos últimos 12 meses?		
0 vezes	37	20,8
1 vez	41	23,0
2 a 4 vezes	66	37,1
Mais de 4 vezes	34	19,1
Neste período (12 meses), qual a frequência de automedicação sem prescrição ou receita médica?		
0 vezes	6	3,4
1-2 vezes	62	34,8
3 a 4 vezes	39	21,9
Mais de 5 vezes	71	39,9
Considera-se mais encorajado a se automedicar devido ao seu curso?		
Não	90	50,6
Sim	88	49,4
Considera-se mais confiante a dar alguma informação sobre medicamentos à terceiros devido ao seu curso?		
Não	99	55,6
Sim	79	44,4
Costuma se guiar por livros acadêmicos de farmacologia quando se automedica ou quando alguém pede alguma informação sobre um medicamento?		
Não	103	57,9
Sim	75	42,1
Total	178	100,0

Fonte: Elaboração própria.

Na atual pesquisa, segundo a Tabela 3, o maior agente viabilizador da automedicação é a disponibilidade do medicamento em casa (n = 144; 83,7%).

Tabela 3. Agentes viabilizadores para a prática da automedicação pelos participantes.

Agentes Viabilizadores	n	%
Indicação de terceiros	71	39,8%
Disponibilidade do medicamento em casa	144	80,8%
Alívio rápido da dor	143	80,3%
Acesso difícil ao Sistema de Saúde	30	16,8%
Ter cursado a disciplina de Farmacologia	35	19,6%
Percepção pessoal de que o sintoma não requeria consulta médica	104	58,4%
Experiência anterior com o medicamento	110	61,7%
Ansiedade e pânico	1	0,6%

Fonte: Elaboração própria.

Baseando-se na Tabela 4, verificou-se diferença estatisticamente significativa entre as respostas dos alunos de Enfermagem e Medicina para as seguintes variáveis: aquisição de medicamentos controlados, sem apresentação da prescrição conforme normativa legal (p = 0,045), tempo da última consulta médica (p = 0,022), percepção de se sentir mais encorajado a se automedicar devido ao seu curso (p = 0,001), de se sentir mais confiante a dar alguma informação sobre medicamentos à terceiros devido ao seu curso (p = 0,010) e devido ao costume de se guiar por livros acadêmicos de farmacologia quando se automedica ou quando alguém pede alguma informação sobre um medicamento (p = 0,010).

Entre os alunos do curso de Medicina, em comparação com os de Enfermagem, foram observados percentuais maiores de relatos de aquisição de medicamentos controlados, sem apresentação da prescrição conforme normativa legal (n = 20; 22,5%); consultas médicas há um tempo maior, geralmente há mais de 3 meses atrás (n = 38; 42,7%), percepção de se sentir mais encorajado a se automedicar devido ao seu curso (n = 55; 61,8%), de se sentir mais confiante a dar alguma informação sobre medicamentos à terceiros devido ao seu curso (n = 48; 53,9%) e devido ao costume de se guiar por livros acadêmicos de farmacologia quando se automedica ou quando alguém pede alguma informação sobre um medicamento (n = 46; 51,7%).

Tabela 4. Análise comparativa entre os grupos de alunos de Enfermagem e Medicina de acordo com as características relacionadas à automedicação.

Variáveis	Curso						p-valor
	Enfermagem		Medicina		Total		
	n	%	n	%	n	%	
Está familiarizado com o conceito de "automedicação" e conhece seus riscos?							1,000 ⁽²⁾
Não	2	2,2	2	2,2	4	2,2	
Sim	87	97,8	87	97,8	174	97,8	
Já praticou a "automedicação"?							0,999 ⁽²⁾
Não	2	2,2	1	1,1	3	1,7	
Sim	87	97,8	88	98,9	175	98,3	
Já aconselhou-se com terceiros sobre medicações?							0,342 ⁽¹⁾
Não	12	13,5	8	9,0	20	11,2	
Sim	77	86,5	81	91,0	158	88,8	
Já baseou-se em receitas antigas?							0,227 ⁽¹⁾
Não	36	40,4	34	38,2	70	39,3	
Sim, de terceiros	16	18,0	8	9,0	24	13,5	
Sim, minhas	26	29,2	36	40,4	62	34,8	
Sim, minhas e de terceiros	11	12,4	11	12,4	22	12,4	
Já adquiriu medicamentos controlados, sem apresentação da prescrição conforme normativa legal?							0,045 ^{(1)*}
Não	79	88,8	69	77,5	148	83,1	
Sim	10	11,2	20	22,5	30	16,9	
Já indicou algum medicamento à colegas e/ou familiares?							0,165 ⁽¹⁾
Não	26	29,2	18	20,2	44	24,7	
Sim	63	70,8	71	79,8	134	75,3	
Familiares e/ou colegas já pediram indicação de alguma terapêutica devido ao curso que exerce?							0,182 ⁽²⁾
Sem resposta	2	2,2	0	0,0	2	1,1	
Não	33	37,1	26	29,2	59	33,1	
Sim	54	60,7	63	70,8	117	65,7	
Já recebeu conselhos, acerca de medicações, não solicitados (na farmácia)?							0,330 ⁽²⁾
Sem resposta	1	1,1	0	0,0	1	0,6	
Não	31	34,8	25	28,1	56	31,5	
Sim	57	64,0	64	71,9	121	68,0	
Para renovar receitas, você foi ao médico que a passou ou procurou algum professor ou médico da universidade?							0,081 ⁽²⁾
Não precisei renovar nenhuma receita	42	47,2	37	41,6	79	44,4	
Procurei alguém da universidade	0	0,0	5	5,6	5	2,8	
Voltei ao médico	47	52,8	47	52,8	94	52,8	
Você costuma ler a bula dos medicamentos que consome?							0,249 ⁽²⁾
Às vezes	39	43,8	35	39,3	74	41,6	
Não	2	2,2	7	7,9	9	5,1	
Sim	48	53,9	47	52,8	95	53,4	
Quando foi sua última consulta médica?							0,022 ^{(2)*}
01 semana atrás	7	7,9	3	3,4	10	5,6	
Entre 01 semana e 01 mês atrás	13	14,6	30	33,7	43	24,2	
Entre 01 e 03 meses atrás	22	24,7	18	20,2	40	22,5	

Mais de 03 meses atrás	47	52,8	38	42,7	85	47,8	
Quantas vezes você consultou um médico nos últimos 12 meses?							0,552 ⁽¹⁾
0 vezes	17	19,1	20	22,5	37	20,8	
1 vez	24	27,0	17	19,1	41	23,0	
2 a 4 vezes	30	33,7	36	40,4	66	37,1	
Mais de 4 vezes	18	20,2	16	18,0	34	19,1	
Neste período (12 meses), qual a frequência de automedicação sem prescrição ou receita médica?							0,692 ⁽²⁾
0 vezes	2	2,2	4	4,5	6	3,4	
1-2 vezes	34	38,2	28	31,5	62	34,8	
3 a 4 vezes	18	20,2	21	23,6	39	21,9	
Mais de 5 vezes	35	39,3	36	40,4	71	39,9	
Considera-se mais encorajado a se automedicar devido ao seu curso?							0,001 ^{(1)*}
Não	56	62,9	34	38,2	90	50,6	
Sim	33	37,1	55	61,8	88	49,4	
Considera-se mais confiante a dar alguma informação sobre medicamentos a terceiros devido ao seu curso?							0,010 ^{(1)*}
Não	58	65,2	41	46,1	99	55,6	
Sim	31	34,8	48	53,9	79	44,4	
Costuma se guiar por livros acadêmicos de farmacologia quando se automedica ou quando alguém pede alguma informação sobre um medicamento?							0,010 ^{(1)*}
Não	60	67,4	43	48,3	103	57,9	
Sim	29	32,6	46	51,7	75	42,1	

Nota. ⁽¹⁾ Teste qui-quadrado de Pearson; ⁽²⁾ Teste exato de Fisher; * p < 0,05.

Fonte: Elaboração própria.

Em conformidade com a Tabela 5, os medicamentos mais recorrentes na automedicação por parte dos participantes desta pesquisa estão, em ordem decrescente: Analgésicos/antitérmicos (n = 169; 98,3%), anti-inflamatórios (n = 151; 87,8%), remédios para resfriado/gripe (n = 121; 70,3%), antialérgicos (n = 101; 58,7%). Também foram bastante recorrentes xaropes para tosse, descongestionantes nasais e antibióticos.

Tabela 5. Medicamentos utilizados na automedicação pelos participantes.

Medicamentos	n	%
Analgésico/Antitérmicos	169	98,3%
Anti-inflamatórios	151	87,8%
Xaropes para tosse	91	52,9%
Antiasmático	3	1,7%
Antibióticos	69	40,1%
Corticoides sistêmicos	43	25%
Corticoides nasais	31	18%
Descongestionantes/vasoconstritores nasais	76	44,2%
Antialérgicos/Anti-histamínicos	101	58,7%
Gotas otológicas	16	9,3%
Remédios para resfriado	121	70,3%
Outros	16	9,6%

Fonte: Elaboração própria.

Nesse contexto, foi questionado os sintomas que motivaram aos estudantes se automedicar, os mais relatados, foram dor de cabeça (n= 158; 91,9%), gripe/resfriado (n = 140; 81,4%), febre (n = 121; 70,3%), infecções/inflamações de garganta (n = 119; 69,2%).

No que diz respeito à avaliação da automedicação, o percentual que confirma entender o conceito e ainda assim pratica o ato, corrobora com o estudo transversal realizado com acadêmicos de Medicina de Fernandópolis – São Paulo, em que a automedicação foi constatada em 96,56% dos participantes conscientes de eventuais riscos da prática à saúde, mesmo posteriormente a realização de pesquisas on-line ou acesso a bulas, e em um estudo observacional, com estudantes de Enfermagem em uma universidade de Goiás em que afirmaram praticar a automedicação (Do Amaral Tognoli *et al.*, 2019; Da Silva; Goulart; Lazarini, 2014).

A disponibilidade do medicamento em casa como viabilizador da prática da automedicação corrobora com uma pesquisa sobre a utilização de medicamentos pela população brasileira, em 2003, que entre 5 mil entrevistados, 71,1% afirmaram guardar algum tipo de medicamento à disposição em casa (Carvalho *et al.*, 2005). Também a busca pelo alívio rápido da dor (n = 143; 83,1%) e a segurança com uma experiência anterior do medicamento (n = 110; 64%) foram agentes motivadores para a prática da automedicação.

Na literatura, além dos medicamentos de venda livre, outras formas foram bastantes descritas como agentes viabilizadores da automedicação, entre eles podemos citar: prescrição antiga, indicação de terceiros, disposição em casa, indisponibilidade de tempo, busca de alívio imediato, acesso dificultado ao serviço de saúde, ter cursado a disciplina de Farmacologia, internet como guia, autoconfiança e percepção que o problema não requeria visita ao médico (Da Silva; Goulart; Lazarini, 2014; Fonseca *et al.*, 2010; Masson *et al.*, 2012; Souza *et al.*, 2011; Gama; Secoli, 2017; Mejía; Restrepo; Bernal, 2018).

Importante ressaltar que 88,8% dos participantes afirmaram já ter se aconselhado com terceiros sobre medicações (Tabela 2), e dentre esses participantes, quando questionados com quem aconselharam-se, a respostas foram: familiares (n= 127; 83,6%), amigos (n = 103; 67,85), farmacêutico balconista (n = 74; 48,7%), internet (n = 66; 43,4%), professores (n = 43, 28,3%) e vizinhos (n = 18; 11,8%). Relevante associar que 39,8%

(Tabela 3) consideram a indicação de terceiros uma motivação para sua prática da automedicação. Dados similares foram encontrados por Arrais *et al.* (1997) que encontraram prevalência de 51% nas indicações de medicação por pessoas leigas no perfil da automedicação no Brasil.

A correlação da prática com os respectivos cursos da área da saúde em enfoque e o uso indiscriminado de medicamentos devem ser ampliados para maior clareza de relação, contudo as pesquisas realizadas por Neto *et al.* (2006) e Masson *et al.* (2012) indicam a influência, tanto do grau de instrução, quanto da área profissional, na prática da automedicação, de tal forma que esta encontra-se intimamente relacionada aos profissionais e estudante universitários da área da saúde, sobretudo, do curso de Medicina.

Ainda, conforme concluem os estudos de Vilarino *et al.* (1998) os indivíduos que mais fazem uso da automedicação são aqueles com maior informação, ou seja, há uma relação direta entre o conhecimento com a criação de uma maior confiança na automedicação. Em estudos mais recentes, Tomasi *et al.* (2007) confirma que é adequado associar a automedicação com o nível de instrução dos adeptos à prática, assim como à facilidade de acesso à saúde destes. Atualmente, a prevalência de automedicação nas universidades é alta. Estudos demonstram que mais da metade dos estudantes de Medicina se automedicam e ainda prescrevem ou indicam medicamentos a terceiros, prática esta que se configura ilegal na Medicina (Da Silva; Goulart; Lazarini, 2014).

Tal resultado vai de conflito ao que o estudante de saúde, mais especificamente de Medicina, deveria defender que é a relação médico-paciente. A negação da autonomia do paciente significa defender o fortalecimento das relações entre pacientes e profissionais da saúde, porque as redes de dependência no processo saúde/doença passam a ser vistas como fundamentais para o cuidado. Desse modo, a relação médico-paciente é reconhecer que ambos os sujeitos devem ter espaço e voz no processo, com respeito às diferenças de valores, expectativas, demandas, objetivos entre eles (Soares; Camargo, 2007).

Autores mostraram que o hábito da automedicação está associado à presença de sintomatologia e/ou doenças leves, em comparação com as graves e/ou crônicas, o que pode estar relacionado à uma autopercepção do estado de saúde e medidas a serem

tomadas, que não quer dizer que seja não seja agressivo (Lefèvre, 1987; Beckerleg *et al.*, 1999).

Uma outra pesquisa constatou que os principais motivos que levaram os acadêmicos estudados à automedicação foram dor de cabeça (35,6%); dores de modo geral (13,4%), febre (12,4%) e dor de garganta (5,8%) (Silva *et al.*, 2011).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos resultados apresentados, pode-se concluir que a automedicação é uma prática prevalente entre os universitários estudados, sendo o curso de Medicina constatado com maior diferença estatística para variáveis fundamentais relacionados ao processo da automedicação. Também se percebe que o grau de instrução está correlacionado com as porcentagens da prática, fugindo da perspectiva do senso comum de que o estudante da área da saúde seria mais racional na administração medicamentosa pessoal.

Nesse contexto, o acesso aos medicamentos e conhecimento por parte dos alunos se configura como oportunidade para a prática da automedicação, além para o aconselhamento irregular para pessoas ao redor. Por esta razão, importante mais estudos que abordem o perfil e a prevalência da automedicação nesse meio, com o fim de inferir os reais fatores influenciadores dessas práticas e assim promover o uso racional de medicamento, inclusive dentro da sala de aula.

REFERÊNCIA

AQUINO, D. S. D.; BARROS, J. A. C. D.; SILVA, M. D. P. D. A automedicação e os acadêmicos da área de saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 15, p. 2533-2538, 2010.

ARRAIS, P.S.D.; COELHO, H.L.L.; BATISTA, M.D.C.D.; CARVALHO, M.L.; RIGHI, R.E.; ARNAU, J. M. Perfil da automedicação no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 31, p. 71-77, 1997.

BECKERLEG, S.; LEWANDO-HUNDT, G.; EDDAMA, M.; EL ALEM, A.; SHAWA, R.; ABED, Y. Purchasing a quick fix from private pharmacies in the Gaza Strip. **Social Science & Medicine**, v. 49, n. 11, p. 1489-1500, 1999.

BRASIL. Ministério da Saúde. **OFÍCIO CIRCULAR Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS: Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual**. Brasília, 2021.

CARVALHO, M. F. D.; PASCOM, A. R. P.; SOUZA-JÚNIOR, P. R. B. D.; DAMACENA, G. N.; SZWARCOWALD, C. L. Utilização de medicamentos pela população brasileira, 2003. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 21, p. S100-S108, 2005.

CURY, M.E. Parcerias para diminuir o mau uso de medicamentos. **Revista Saúde Pública**, v. 40, n. 1, p. 191-194, 2006.

DA SILVA, F. M.; GOULART, F. C.; LAZARINI, C. A. Caracterização da prática de automedicação e fatores associados entre universitários do curso de Enfermagem. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 16, n. 3, p. 644-651, 2014.

DO AMARAL TOGNOLI, T.; DE OLIVEIRA TAVARES, V.; RAMOS, A. P. D.; BATIGÁLIA, F.; DE GODOY, J. M. P.; RAMOS, R. R. Automedicação entre acadêmicos de medicina de Fernandópolis–São Paulo. **Journal of Health & Biological Sciences**, v. 7, n. 4 (Out-Dez), p. 382-386, 2019.

FONSECA, F. I. R. M. D.; DEDIVITIS, R. A.; SMOKOU, A.; LASCANE, E.; CAVALHEIRO, R. A.; RIBEIRO, E. F.; SANTOS, E. B. D. Frequência de automedicação entre acadêmicos de faculdade de medicina. **Diagn. Tratamento**, 2010.

GAMA, A. S. M.; SECOLI, S. R. Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas–Brasil. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 38, 2017.

ICTQ. Pesquisa – **Automedicação no Brasil** (2018) [Internet]. Disponível em: <https://www.ictq.com.br/pesquisa-do-ictq/871-pesquisa-automedicacao-no-brasil-2018>. Acesso em: 16 jun. 2020.

LEFÈVRE, F. A. A oferta e a procura de saúde através do medicamento: proposta de um campo de pesquisa. **Revista de Saúde Pública**, v. 21, p. 64-67, 1987.

LOYOLA FILHO, A. I. D.; UCHOA, E.; GUERRA, H. L.; FIRMO, J. O.; LIMA-COSTA, M. F. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. **Revista de Saúde Pública**, v. 36, p. 55-62, 2002.

MASSON, W.; FURTADO, P. L.; LAZARINI, C. A.; DE OLIVEIRA CONTERNO, L. Automedicação entre acadêmicos do curso de medicina da Faculdade de Medicina de Marília, São Paulo. **Revista Brasileira de Pesquisa em Saúde/Brazilian Journal of Health Research**, v. 14, n. 4, 2012.

MEJÍA, M. C. B.; RESTREPO, M. L.; BERNAL, D. R. Actitudes, conocimientos y prácticas frente a la automedicación con productos herbales y psicofármacos en estudiantes de medicina de Medellín-Colombia. **Medicina UPB**, v. 37, n. 1, p. 17-24, 2018.

MUSIAL, D. C.; DUTRA, J. S.; BECKER, T. C. A. A automedicação entre os brasileiros. **SaBios-Revista de Saúde e Biologia**, v. 2, n. 2, p. 737-743, 2007.

NETO, J. A. C.; SIRIMARCO, M. T.; CHOI, C. M. K.; BARRETO, A. U.; SOUZA, J. B. Automedicação entre Estudantes de Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Juiz de Fora. **HU Revista**, v. 32, n. 3, p. 59-64, 2006.

PAULO, L. G.; ZANINI, A. C. Automedicação no Brasil. **AMB rev. Assoc. Med. Bras.**, p. 69-75, 1988.

PEREIRA N.S. Princípios gerais do uso clínico dos antibióticos. **Jornal Brasileiro de Medicina**, v. 70, n. 4, p. 19-35, 1996.

PORTELA A.S., LEAL A.A.F., WERNER R.P.B., SIMÕES M.O.S., MEDEIROS A.C.D. Políticas públicas de medicamentos: trajetória e desafios. **Revista de Ciências Farmacêuticas Básica e Aplicada**, v. 31, n. 1, Jan 2010.

SILVA, L. S. F.; COSTA, A. M. D. D.; TERRA, F. D. S.; ZANETTI, H. H. V.; COSTA, R. D.; COSTA, M. D. Self-medication made by undergraduate degree courses of a private university's health area in the Minas Gerais' southern. **Odontologia Clínico-Científica (Online)**, v. 10, n. 1, p. 57-63, 2011.

SINITOX. SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÕES TÓXICO-FARMACOLÓGICAS. **Dados de intoxicação**. Disponível em: <https://sinitox.icict.fiocruz.br/dados-nacionais>. Acesso em: 16 jun. 2020.

SOARES, J. C. R. D. S.; CAMARGO JR, K. R. A autonomia do paciente no processo terapêutico como valor para a saúde. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 11, p. 65-78, 2007.

SOUZA, L. A. F.; SILVA, C. D. D.; FERRAZ, G. C.; SOUSA, F. A. E. F.; PEREIRA, L. V. Prevalencia y caracterización de la práctica de automedicación para alivio del dolor entre estudiantes universitarios de enfermería. **Revista Latino-americana de enfermagem**, v. 19, p. 245-251, 2011.

TOMASI, E.; SANT'ANNA, G. C.; OPPELT, A. M.; PETRINI, R. M.; PEREIRA, I. V.; SASSI, B. T. Condições de trabalho e automedicação em profissionais da rede básica de saúde da zona urbana de Pelotas, RS. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 10, p. 66-74, 2007.

VILARINO, J. F.; SOARES, I. C.; SILVEIRA, C. M. D.; RÖDEL, A. P. P.; BORTOLI, R.; LEMOS, R. R. Perfil da automedicação em município do Sul do Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 32, p. 43-49, 1998.

VITOR, R.S; LOPES, C.P; MENEZES, H.S; KERKHOFF, C.E. Padrão de consumo de medicamentos sem prescrição médica na cidade de Porto Alegre, RS. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, p. 737-743, 2008.

COMO CITAR

MEDEIROS, Isabela Alice Soares de.; SANTOS NETO, José Rodrigues dos.; CORREIA, Jásny Pintor de Assis.; LIMA, Vitória Freire.; PINTO, Natália Bitú. Perfil da automedicação entre acadêmicos de Medicina e Enfermagem de uma universidade pública no alto Sertão Paraibano. **Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências – RIEC**, v.6, n.3, p. 357-373, 2023.